

**Apontamentos da intervenção de Davide Prospero no Encontro Anual
com os moderadores das associações internacionais de fiéis
dos movimentos eclesiais e das novas comunidades**

Roma, 22 de junho de 2023

Desejo contribuir para a discussão focando-me em duas palavras que descrevem alguns dos passos que a Fraternidade de Comunhão e Libertação está a fazer: comunhão e corresponsabilidade do carisma.

O ponto de partida para nós é fazer memória da origem. Como disse o então Cardeal Ratzinger no funeral de *don* Giussani, se nós seguimos *don* Giussani é pelo facto de que, pensando nele, pensamos num homem que se consumiu totalmente para nos guiar não para si, mas para Cristo. Por isso, para uma renovada missionariedade, não se trata apenas de pensar em novas formas mais inteligentes de comunicar a beleza do encontro cristão, talvez abandonando aquele – digamos assim – *temperamento* especial que caracteriza o carisma que hoje aqui representamos. Somos, antes, convidados a voltar continuamente ao único fundamento de tudo: o próprio Cristo. A nossa *comunhão* é originada apenas por Ele, e é essa comunhão que pode fascinar os homens e as mulheres de hoje, muitas vezes atraídos por uma mentalidade individualista cada vez mais difundida e predominante, mas, ao mesmo tempo, desarmados pela solidão que dela deriva.

Claro, só se fizermos realmente experiência daquilo a que Jesus chamou o “cêntuplo já aqui” é que nos tornamos testemunhas credíveis disto; mas a experiência pessoal que cada um pode fazer deste cêntuplo é guardada e suportada no seio duma comunhão vivida. Para ser vivida, esta necessita também de um trabalho que deve ser realizado sem receio das dificuldades e das fraquezas que surgem a nível pessoal ou comunitário e no diálogo entre as pessoas, entre as diferentes realidades, entre os movimentos e a Igreja, tal como no seio da própria Igreja: a escuta recíproca é decisiva, tal como o deixar-se educar a fazer memória do encontro com Cristo.

Acrescento que a nossa unidade na Igreja não se vê tanto no facto de todos fazermos as mesmas coisas ou as dizermos da mesma maneira, mas antes no facto de, mesmo nas diferenças, afirmarmos sempre a mesma coisa, expressão de um único centro afetivo: Cristo.

A isto liga-se um segundo aspeto sobre o qual estamos a concentrar a nossa proposta: a comunhão vivida como *corresponsabilidade* do carisma. *Don* Giussani dizia: «Para comunicar uma vida no carisma que nos foi dado, é preciso viver a conversão: não na minha direção, mas na direção daquilo que me foi dito» (*Acontecimento e responsabilidade*, clonline.org). O fundamento da corresponsabilidade é a nossa contínua conversão ao acontecimento de Cristo presente aqui e agora. A nossa corresponsabilidade funda-se, portanto, no chamamento recíproco à origem do carisma, que continua dentro de uma história, que para nós é a Fraternidade de CL, por seu turno abraçada e guiada por toda a Igreja. É uma passagem fundamental, julgo eu, sobretudo no período a seguir à morte do fundador.

Eu diria, por isso, que para a nossa Fraternidade, educar-se para a vida apostólica significa educar-se para a integralidade da experiência cristã no seio de uma *corresponsabilidade comunitária* (no movimento, entre os movimentos, com e no seio da Igreja, também entendida na sua roupagem institucional), segundo as suas dimensões expressivas de cultura, caridade e missão que nos envolvem pessoalmente e na vida pública.

Para a Fraternidade de CL, o desafio de “querer a vida apostólica” é educação para uma autêntica missionariedade. A este respeito, estamos a redescobrir que sermos *chamados* por Deus coincide com a consciência de sermos *enviados*. Enviados para um país, para uma cidade, para um bairro, para um determinado posto de trabalho, “enviados” para as relações com familiares, amigos, colegas. Cada instante, se for vivido como resposta ao Seu chamamento, é o início da missão. Concluo partilhando o convite que nos fez o Papa Francisco na Audiência concedida a CL em outubro passado: «Arda nos vossos corações esta santa inquietação profética e missionária. Não permaneçais parados!». Obrigado.